

LEGBÁ E A DINÂMICA DO PANTEÃO VODUN NO DAOMÉ

HONORAT AGUESSY

do Centre National de la Recherche
Scientifique, de Paris.

O panteão vodun possui uma notável organização arquitetônica. Sua austeridade traduz, ao nível das idéias, o que se passa ao nível do social e do simbólico. Seu modelo comum é a organização genealógica. Efetivamente, assim como existe um antepassado fundador (real ou mítico) à frente de cada linhagem (*ako*), também *Mawu* (divindade suprema), numa primeira perspectiva, parece reger o conjunto do Panteão. Esse aspecto arquitetônico é reforçado pela concepção de uma divindade (*vodun*), que exprime o caráter imutável da organização: — assim, *Fa*, sistema de adivinhação expresso sob a forma de uma divindade, por causa do caráter inexorável, misterioso e temível do destino que ela desvenda, representa a rigidez do panteão. Nesse sentido, *Fa* é a palavra do criador, a sorte lançada para sempre. Ele explica o cuidado permanente do homem em *marcar os lugares*, na ordem das coisas e da sociedade. *Fa*, como tal, constitui a divindade da ordem. E no entanto, não parece que *Fa*, divindade da ordem, seja a forma de expressão decisiva do panteão vodun. Na qualidade de porta-voz do criador, tem êle sua antítese — *Legbá*, divindade do imprevisível, do inatribuível. Dêsse modo, *Legbá* representa o trágico cotidiano, o além do bem e do mal concebidos pela sociedade. Nêle, o bem e o mal se entrelaçam.

Eis a antítese poderosa que fecunda o panteão vodun, no qual a noção do “lugar marcado” duplica-se com a do deslocamento contínuo. Qual a relação entre as duas representações? Elas se confundem ou se distinguem nas práticas religiosas? A que corresponde essa dupla exigência no plano social?

A COMPLEXIDADE DO PANTEÃO DO DAOMÉ

Seria fastidioso expor aqui, na sua totalidade, os nomes das divindades que compõem um panteão, do qual todos os autores têm

N. da R. — Este artigo foi originalmente publicado em francês em *Cahiers des Religions Africaines* - Vol. 4 - N.º 7 - janeiro 1970. Université Lovanium de Kinshasa, República Democrática do Congo.

salientado o seu caráter complexo; quer se trate de Mercier, Verger, Herskovits, Merlo, Maupoil ou de Le Herissé, para não citar senão êstes, todos acentuam a extraordinária multiplicação das suas divindades. Tal multiplicação produz uma grande quantidade de seitas. Cada grupo cultural específico tem seu ritual e sua mitologia. E no final, obtemos um complexo fluido de mitologias, onde as diferentes forças do universo são distribuídas pelas divindades. Esboçando-se um quadro panorâmico dêsse conjunto de divindades muito especializadas, não se pode notar senão as discordâncias, as duplicações, as contradições devidas às origens heterogêneas dessas divindades e à diversidade das zonas integradas no conjunto sócio-político denominado Daomé. Neste sentido, estudar a organização progressiva do panteão do Daomé significa evocar a história sócio-política dêsse país, seus símbolos, e suas relações com outros países.

Que o leitor se tranquilize; nós não iremos obrigá-lo a tal esforço.

Contentemo-nos em salientar os esforços empregados, durante anos de vida autônoma do Daomé, para triunfar sobre os inúmeros obstáculos a uma homogeneização dos diversos *vodun* esparsos. O resultado dêsse esforço consiste na elaboração de uma vasta mitologia em que a divisão dos Vodun em vodun do céu e em vodun da terra, vodun do mar e vodun do trovão, constitui o fato mais importante. Entretanto, apesar do requisito essencial de toda classificação ser o de não admitir resíduos, todos os vodun, sàbiamente distribuídos no seio do panteão do céu, no da terra e em outros, não esgotarão a lista dos vodun reais e possíveis. Fora dessas categorias se encontram por exemplo: *Dan-Aido-Hwèdo* (vodun assimilado ao Arco-Iris), os vodun pessoais, os *tohwiyo* (antepassados fundadores do clã) etc. . . . Esses fatores residuais são de uma grande importância e voltaremos a êles mais adiante. Vejamos agora os detalhes da organização do universo dos vodun.

O MODELO DO PANTEÃO

E através dos mitos da cosmogonia que tentaremos representá-la. Na origem do mundo atual e à frente do panteão do céu, os mitos colocam *Mawu*. Este nome dará uma idéia da representação do Deus supremo pelos daomeanos? Significará o Ser, em relação ao qual nada de maior possa ser imaginado? Ou significa, ao contrário, o Ser supremo que molda e fornece a cada homem a parte corporal que lhe pertence? Sobre o plano lingüístico, essas duas interpretações encontram bases sólidas. Efetivamente, o nome *Mawu* é compôsto de duas palavras: *Ma* e *wu*. E segundo um princípio bem conhecido em tôdas as línguas africanas, múltiplos sentidos podem ser obtidos a partir das mesmas. Assim, no caso preciso que nos concerne, *Ma* pode significar negação ou o verbo distribuir, dividir, enquanto *wu* pode signi-

ficar “ser superior a” ou “corpo”. A língua, por si só, não pode, pois, permitir-nos uma resposta categórica frente às duas interpretações. Voltemos, pois, às práticas do vodun e aos mitos. Que nos revelam os mesmos? Revelam que em tudo o que diga respeito a *Mawu*, um outro *vodun* acha-se ligado ao mesmo de forma inseparável: *Lissa*. Nesse caso, o nome *Mawu* designa um par de divindades, um par de gêmeos. *Mawu*, do sexo feminino, *Lissa*, do sexo masculino. A mitologia não consegue separar as duas divindades, mesmo que o aspecto econômico da prática não evoque comumente senão um dos dois nomes do casal original. Nessa ordem de idéias as funções ou responsabilidades assumidas por um ou outro componente do casal divino, assim como suas características, não são idênticas. Paul Mercier opina, com razão, que o ato de *organizar a natureza* incumbe a *Mawu* (divindade da fertilidade), assistida por *Dan* (vodun, ou melhor, a força que controla a vida e o movimento). A *Lissa* (divindade da força e do fogo) cabe o ato de organizar o mundo dos homens, tarefa na qual é auxiliada por *Gou* (vodun da transformação do mundo, da indústria, da cultura). Outras características distinguem *Mawu* e *Lissa*. Tudo que diz respeito à feminilidade, conforme a concepção da sociedade autóctone, posta à parte a fertilidade, a gentileza, a alegria, a sabedoria, a maturidade, liga-se a *Mawu*. Quanto a *Lissa*, é a força, a robustez, o calor, o trabalho, a juventude que o caracterizam. Na representação social de *Mawu* e *Lissa*, *Mawu* é a lua e a noite, *Lissa* é o sol e o dia. Eis o que é a divindade dúplice que rege o universo dos vodun. E que dizer da sucessão dos vodun? Os mitos os apresentam como filhos de *Mawu-Lissa*. Eis um mito no qual todos os filhos de *Mawu-Lissa* são evocados: *Mawu-Lissa*, andrógino, gerou os gêmeos *Dada Zodzi* e *Nyohwe Ananou*, gerou *Sô* (andrógino), os gêmeos *Agbé* e *Naeté*, gerou *Gou*, *Djo* e o filho mais novo, *Legbá*.

ESTRUTURA E MOBILIDADE NO SEIO DO PANTEÃO

A primeira observação que se impõe é o caráter genealógico da concepção do panteão. A função elucidativa dessa sucessão não mais escapa aos pesquisadores científicos. Todos reconhecem com J. P. Vernant (2) que, “para o pensamento mítico, toda genealogia, é, ao mesmo tempo, explicação de uma estrutura, e não há outra forma de explicação para uma narrativa genealógica”. A isso acrescentemos que na concepção genealógica do panteão vodun, cada divindade vive numa dependência em relação ao significativo maior — o demiurgo ao criador *Mawu-Lissa*. Nessa condição de dependência, cada vodun ocupa um lugar bem marcado. Assim, no mito cosmogônico evocado mais acima, seis vodun repartem entre si a direção do universo. *Dada Zodzi* e *Nyohwe Ananou* têm o comando

da terra. Desceram à mesma com tôdas as riquezas que seus pais lhes deixaram em herança; *Sogbô* possui a gestão dos negócios do céu; *Agbé* e *Naeté* ocupam-se do mar; *Agé* encarrega-se das florestas e dos animais; *Gou* constitui a força de seus antepassados e ocupa-se da terra a ser desbravada e das armas; *Djo* traduz, em certo sentido a invisibilidade dos voduns; é o ar que envolve o universo.

Essa nota de explicação genealógica, traduzindo a dependência em relação ao significativo maior que é *Mawu-Lissa*, não seria um caso particular do mito que se analisa?

Parece que, sejam quais forem os mitos cosmogônicos considerados, impõe-se a mesma observação. Apesar das variações regionais, da multiplicidade das ortodoxias e da assimilação desigual dos elementos esparsos, reinterpretados em um conjunto mais ou menos coerente, manifesta-se sempre o mesmo modelo de explicação genealógica, traduzindo a dependência em relação a um significativo maior.

Há aí, pode-se dizer, um modelo comum que se reencontra ao nível sócio-político. Ele designa a conotação de uma concepção conformista do universo, onde cada coisa se acha em seu lugar, de forma definitiva. A preeminência do primogênito é característica nesse modelo, no qual as regras e normas precisas definem as relações entre os personagens.

Como conceber, nesse modelo rígido, a possibilidade de mudança?

Digamos que a mudança sempre foi possível, passando-se de uma a outra região. O modelo comum diversifica-se assim, em vista da ênfase posta em tal ou qual detalhe. Nesse sentido, em vez de ver-se *Gou* na quinta categoria, como é o caso do mito evocado neste artigo, assistir-se-á sua promoção ao primeiro lugar quando se trata de um grupo cultural onde predominam, por exemplo, os ferreiros. A ordem descrita no modelo de referência não é, portanto, unívoca. Essa mobilidade, porém, tornada possível pela não-correspondência das estruturas nacionais e regionais, não é no entanto, essencial. Uma outra modalidade acha-se inscrita no próprio contexto do modelo descrito. Situa-se ao nível do vodum *Legbá*.

A MOBILIDADE RELACIONADA A LEGBÁ

Como pôde constatar o leitor, dos sete filhos de *Mawu-Lissa*, seis receberam como herança a gestão de um domínio delimitado do universo, do qual os seus pais são os demiurgos ou criadores. Apenas o mais moço ou o irmão mais nôvo da família divina nada possui. Assim sendo, nesse universo em que cada vodun principal tem um domínio para gerir, *Legbá* se caracterizará pela falta de um domínio. A estratégia interna da estrutura se define pela relação entre as partes precisas repartidas pelas seis primeiras divindades e a ausência de herança específica no que concerne a *Legbá*. Por isso, vodun, apa-

rentemente desprovido, será, em realidade, o personagem mais aquinhado na medida em que pode deslocar-se livremente de um a outro domínio. *Legbá* não estando ligado a um domínio determinado, fará de sua pobreza aparente um sinal de real riqueza. Ele representará, sob vários pontos-de-vista, o delicado e dramático papel de intermediário entre os diversos vodun, entre os vodun e os homens, e entre os homens uns com os outros. Fazendo dêle o personagem intermediário por excelência, *Mawu Lissa* também lhe atribuiu o papel de guardião do conjunto do patrimônio divino. Consideremos êsses diversos pontos.

LEGBÁ, GUARDIÃO DO PATRIMÔNIO

Este papel é ambíguo. *Legbá* faz parte do sistema do panteão *Mawu Lissa*, menos para conservá-lo que para pô-lo em ação. Desde que êle próprio ficou “fora do jôgo” na partilha do patrimônio, denuncia êle a fixidez de um jôgo que se desejaria imutável e eterno.

É de preferência *Fa*, o vodun da adivinhação, socialmente representado como a palavra do criador (*Mawu-Lissa*), que melhor representaria o papel de guardião. *Fa*, como já dissemos, aplica a ordem exata instaurada por *Mawu-Lissa*. Se, portanto, a mitologia atribui a função de guardião a *Legbá*, é, sem dúvida alguma a fim de salientar a exigência da mobilidade e da manipulação, inerentes a tôda instauração da ordem e com mais razão, à manutenção dessa ordem determinada. O ensinamento que colhemos dos mitos em que *Legbá* é considerado guardião, apesar da ênfase dada, correlativamente, ao seu caráter vivo, malicioso, livre de qualquer restrição, etc., é o seguinte: — na concepção do mundo dos daomeanos, o que se conserva estritamente ao nível do espiritual, não é o já consagrado ou, em outros têrmos, a letra morta; é o espírito de relação, sem a fixidez dos elementos concernentes. Nessa ordem de pensamentos, *Legbá* é um bom guardião.

LEGBÁ, MEDIADOR ENTRE OS VODUN

Eis um papel delicado e dramático, visto que a ordem estabelecida pode ser posta em dúvida pelo mediador. Sobretudo quando se sabe que cada vodun tem seu idioma particular e que nenhum dêles compreende a língua dos outros, pode-se avaliar a importância da posição tomada por *Mawu-Lissa*, confiando o papel de intérprete e mensageiro a *Legbá*. São inúmeros os mitos que relatam como *Legbá* usou o seu conhecimento das línguas dos diversos vodun para enganá-los. Dessa forma, muitas vêzes, atirou uns contra os outros. Assim fazendo, impôs-se como chefe e cabeça de jôgo, beneficiando-se das contendas constantes entre os vodun. Outro privilégio de

Legbá: — nenhuma comunicação pode existir entre o Criador e tal ou qual vodun sem sua intervenção. Cabe a êle assegurar a permanência das relações entre o Criador e os vodun, cada um dêles gerindo um domínio particular. Isto significa que *Legbá* assegura o contrôlo e o domínio das vias de comunicações no mundo divino. Esse contrôlo por parte do servidor tem sido bem compreendido em numerosos mitos onde se trata da metamorfose do servo mensageiro em patrão mensageiro. Realmente, nos ritos específicos em honra dos vodun, assiste-se à dramatização dessa função: *Legbá*, mensageiro dos vodun, é sempre invocado antes daqueles a quem deve levar a mensagem. Na mesma ordem de idéias, recebe êle as oferendas e libações, antes de tôdas as outras divindades. Segundo as interpretações ou justificações que certos especialistas autóctones dos mitos dão dessas práticas e rituais, trata-se de destruir as maquinações eventuais de *Legbá* e apaziguar-lhe as cóleras imprevisíveis. Efetivamente, uma das frases consagradas com o fim de caracterizar o personagem sem caráter determinado que é *Legbá* é a seguinte: — *Agbo hanyan hanyan gba!* ou seja “*Agbo*, em tôrno dêle está a desordem!” E assim, o mensageiro e intérprete da esfera divina é mais temido e respeitado do que tôdas as outras divindades.

LEGBÁ, INTERMEDIÁRIO ENTRE OS VODUN E OS HOMENS

É o vodun mais popular. Contam os mitos que êle toma parte deliberadamente em favor dos homens nos choques com as divindades. Todo homem que é envolvido em uma situação crítica recorre a seus bons serviços. São-lhe destinados sacrifícios em todos os lugares em que se ergue sua efígie: nas entradas das aldeias (*Tô-Legbá*), em tôdas as encruzilhadas e bifurcações de estradas, em todos os lugares de concentração, tais como os mercados (*Ahi-Legbá*), diante das fachadas (*Agbo-nouhossou*), diante dos santuários das outras divindades (*Houn-Legbá*). Sua efígie é representada por uma figura estranha e impressionante, da qual diz-se muito mal; mas não nos detenhamos aqui em tôdas essas considerações. Digamos que *Legbá* inspira aos daomeanos, não o temor, mas a afeição. É a divindade mais próxima, à qual contam êles tudo que encerra o seu inconsciente e a quem fazem promessa como a um amigo. O animal que lhe é consagrado é o cão e quando os daomeanos vêem um cão a comer o alimento oferecido a *Legbá*, ficam maravilhados. Tal espetáculo do cão a devorar a oferenda prodigaliza uma enorme segurança.

Esses sinais de afeto e de simplicidade no culto de *Legbá*, de desprendimento (já que *Legbá* não tem casa de culto, nem sacerdote, ao contrário das outras divindades), traduzem a grande familiaridade dessa divindade com os homens. Também lhe são dirigidas exclamações de grande intimidade: “*Nou hanyan hanyan!*” — a bôca

em desordem; “*Ma mon Legbá tacho nou chocho, e na gblé!*” — já viram alguma vez *Legbá* gastar azeite, sem que se assista a um tumulto?” Relembremos alguns de seus nomes fortes e constatemos tal familiaridade: — Rei-Destruidor de tôdas as cousas — Aquêlê que come e sai com a bôca suja — Aquêlê que tem lábios grossos, etc. . .

E, pois, sem qualquer dissimulação que o indivíduo aflito dêle se aproxima. E é com confiança que espera sua intercessão junto aos vodun interessados por tal ou qual caso de infelicidade.

Na medida em que *Legbá* é mediador entre os homens e os deuses, os daomeanos que querem assegurar-se da sua cumplicidade ou da sua benevolência, antes de qualquer outra manifestação, deduzem que de suas fantasias depende o resultado de uma situação crítica. Assim, frente ao vodun *onisciente Mawu-Lissa*, surge a silhueta familiar do vodun eficiente e representante da mudança ainda não realizada: — *Legbá*.

A CORRESPONDÊNCIA DE LEGBÁ COM OS VALORES ESSENCIAIS DA SOCIEDADE GLOBAL DOS DAOMEANOS

Falar dos valores essenciais da sociedade global significa designar a fonte de origem social mais importante que teve o privilégio de construir os mitos, graças aos elementos colhidos de todos os horizontes até onde as guerras e os contactos pacíficos conduziram os daomeanos. Os sacerdotes e altos dignitários do reino do Daomé dirigiam e controlavam os centros culturais onde se efetuavam os rituais, e reinterpretavam os mitos, segundo a situação sócio-política. Neste sentido, descobrimos na caracterização do personagem divino sem caráter determinado, que é *Legbá*, a expressão de um simbolismo que dá sentido tanto ao imaginário como ao real. O alto valor do homem acha-se aí acentuado. Com efeito, em tempo algum, algo pareceu irrealizável para os daomeanos. Mesmo quando a divindade do *alea jacta est*: Fa, se pronuncia e revela a impossibilidade, através da palavra do Criador *Mawu-Lissa*, os daomeanos sempre pensaram ser possível encontrar uma saída dentro do seu mundo regido pelo destino.

Segundo outro ponto-de-vista, essa sociedade, na qual a noção de hierarquia se achava incorporada em tôdas as instituições, produziu, no entanto valores significando a possibilidade de destruir a hierarquia estabelecida. O modelo das linhagens é expresso pelo personagem divino *Legbá*; pois nas linhagens dos daomeanos, nas quais se adota o direito absoluto do primogênito sôbre o mais môço, prevalece a impressão de que êste ou o irmão mais jovem não é relegado, para sempre, a um papel de simples subordinação. Muito ao contrário, é do mesmo que nascem novos valores apropriados para movi-

mentar a linhagem. O irmão mais nôvo é sempre considerado como o ser inteligente por excelência. Nesse mundo, em que tudo se baseia no equilíbrio das forças, os daomeanos pensam que aquilo que o caçula perde em bens materiais, recupera no plano intelectual e espiritual. Partindo dêsse ponto-de-vista, tal “falta” é considerada como uma situação de promoção certa.

Um último ponto pode, ainda reter nossa atenção. A fluência dos t ermos relacionados entre si na organização do panteão não traduz a desordem, mas a possibilidade de cada grupo cultural especializado dar prioridade   divindade que lhe concerne de modo especial. Esta observação tem um profundo significado: expressa o ponto principal quanto ao nível dos valores. Os t ermos da hierarquia ou da configuração importam menos do que a relação entre êles. Um exemplo preciso pode convencer-nos disto. Enquanto no modelo do panteão de que nos servimos ao longo d este artigo a divindade *Gou* se acha na 5.ª classe, na genealogia dos *vodun*, um outro modelo, o do panteão do C eu, irá situ -lo na primeira. Assim em vez de 1) *Dada Zodji e Nyhw  Ananou*, 2) *S *, 3) *Agb  Naet *, 4) *Ag *, 5) *Gou*, 6) *Djo*, 7) *Legb * teremos 1) *Gou*, 2) *Ag *, 3) *Dji*, 4) *W t -Alaw * 5) *Loko* (m dje), 6) *Adjakpa*, 7) *Legb *.

Que o leitor não se apegue demais a êsses nomes em si mesmos, mas constate s mente as transferências de que são objeto certas divindades (passando-se do modelo do panteão do c eu ao da terra) e a relação mantida na hierarquia. Esta tendência   tal que o nome da divindade criadora ou demiurgo conhecer  modificações quando se quer aprofundar a dimensão do original. Uma divindade da qual não se tratou até agora, *Nana-Buluku* (que possui um templo em Doum ) vem às vêzes “apagar” e suprimir os nomes *Mawu-Lissa*. Tudo se passa como se a sociedade quisesse exprimir que não há totalidade cerrada e que há sempre um ser dotado de ao menos uma pequena dose de ciência, mais do que outro. *Legb * que não conhece nenhuma restrição e não receia nenhum tabu, se   verdade que não respeita nenhuma ordem estabelecida, não põe, entretanto, em d vida a exigência da ordem como tal.  le a submete apenas às necessidades da mobilidade e da manipulação. Graças a  le tôda obra concluída é sempre reiniciada e retrabalhada.

LEGBAH AND THE DYNAMICS OF THE VODUN PANTHEON IN DAHOMEY

The pantheon of Dahoman gods is described on this paper as a transposition of what happens on the social and symbolic level, having as a common pattern the genealogical organization. The Author, like other scholars such as Mercier, Verger, Herskovits, Merlo and Le Herissé, points out the complex of the Vodun pantheon.

The paper is divided into chapters whose titles describe their contents: "The intricacy of the Dahoman pantheon", "The pantheon's model", "Structure and mobility in the heart of the pantheon", "Mobility related to Legbah", "Legbah the guardian of the patrimony", "Legbah the mediator among the Vodun", "Legbah middleman between Vodun and men", "The coincidence of Legbah to the essential values of Dahomeyan over-all society".

The chief aim of the paper is the analysis of Legbah's position inside the Vodun pantheon. The Author characterizes him as a middleman among the deities, being, at the same time, the most popular Vodun.

As a conclusion, the Author says that the fluidity of words related to the pantheon reflects the possibility that each cultural group give priority to the deity which concerns them in a special way.

LEGBA ET LA DYNAMIQUE DU PANTHÉON VODOUN AU DAHOMEY

Le panthéon des divinités du Dahomey est ici formulé sous forme de modèle symbolique et social, déduit du modèle généalogique. Comme d'autres chercheurs avant lui, Mercier, Verger, Herskovits, Merlo et Le Herissé, l'auteur souligne la complexité du panthéon vodoun.

Les titres des différentes chapitres donnent une idée de cette complexité: — "Complexité du Panthéon du Dahomey"; "Modèle de Panthéon"; "Structure et mobilité du Panthéon"; "La mobilité par rapport à Legba"; "Legba, gardien du patrimoine"; "Legba, intermédiaire entre les vodoun"; "Legba, intermédiaire entre les vodoun et les hommes"; "Correspondance de Legba avec les valeurs essentielles de la société globale du Dahomey".

Le présent article essaie, avant tout, de fixer position de Legba dans le Panthéon vodoun. Enfin, l'auteur explique que l'indetermination des termes du panthéon du Dahomey révèle la possibilité existant pour chaque groupe culturel de vénérer la divinité de son choix.

*M. S. Si ce n'est pas correspondance
no faut-il ?*